

Republicanos evocam Iraque para assombrar eleitor Pág. A16



Geran Tomasevic/Reuters

» "ACORDÃO"
Paquistaneses fixam propaganda eleitoral em Rawalpindi; líder opositor insinua haver acordo com governo Pág. A18

Kosovo pode proclamar já amanhã a independência

Premiê da Província promete respeitar minoria sérvia; russos ainda protestam

EUA reiteram reconhecer o novo país dos Balcãs; Europa está dividida, mas a França, a Alemanha e o Reino Unido seguem exemplo americano

DA REDAÇÃO

Com a possibilidade cada vez maior de Kosovo declarar sua independência unilateral já amanhã, domingo, o primeiro-ministro kosovar, Hashim Thaci, prometeu ontem proteger o direito das minorias, menção aos 120 mil sérvios que dividem a Província com 1,9 milhão de albaneses étnicos.

Ele não confirmou que a declaração de independência já esteja marcada e exortou os sérvios que abandonaram suas aldeias a retornarem a Kosovo, território desde 1999 sob a administração das Nações Unidas, depois que a Otan — a aliança militar ocidental — interveio para pôr fim à "limpeza étnica" promovida pela Sérvia.

Thaci e o presidente kosovar, Fatmir Sejdiu, obtiveram do Parlamento uma moção que permite à Província se dotar "em 24 horas" das legislações de um Estado soberano.

A Rússia, a Sérvia e a Bósnia



Valdrin Xhemajna/Efe

lões com kosovares.

Na Sérvia, o recém-eleito presidente Boris Tadic reafirmou que jamais deixará de lutar pela manutenção da integridade territorial sérvia. Mas também reafirmou como prioridade o projeto de ingresso da Sérvia na União Européia. É uma forma de dar a entender que pode se conformar, caso assim o exijam as circunstâncias.

Ainda ontem, diz a Reuters, assessores do primeiro-ministro sérvio descartaram a possibilidade de romper relações diplomáticas com países que reconheçam a independência de Kosovo. Essas relações serão apenas redimensionadas, com a retirada de embaixadores e a manutenção de diplomatas de escalão inferior.

Sem rumores de tropas

Não há em Belgrado nenhum rumor sobre deslocamento de tropas ou da tentativa de preservar a unidade territorial por meios militares, mesmo porque Kosovo permanecerá com sua segurança interna garantida por 16 mil soldados da Otan.

Em termos de represália, o máximo evocado foi uma advertência do Ministério das Relações Exteriores da Rússia, de

TERRITÓRIO DISPUTADO

Kosovo fez parte do Império Otomano



GRUPOS ÉTNICOS

1,9 milhão é a população total de Kosovo

Albaneses Sérvios Outros



CRONOLOGIA

1918 Kosovo, território eslavo conquistado pelos otomanos no século 15, se torna parte do reino sérvio após o colapso do Império Otomano

1941 Kosovo cai sob domínio italiano, como parte da "Grande Albânia"

1946 Com a derrota do Eixo na Segunda Guerra, Kosovo volta à Federação Iugoslava

1974 Iugoslávia reconhece a autonomia de Kosovo, que passa a ter autogoverno

1981 Exército iugoslavo reprime distúrbios separatistas na Província

1987 Slobodan Milosevic ascende ao poder com advertência aos separatistas kosovares



Cotidiano não mudará muito com declaração

DA REDAÇÃO

De imediato, uma declaração de independência de Kosovo mudaria pouca coisa no cotidiano da Província sérvia. Se o plano funcionar à perfeição, a região passará das mãos de um administrador externo — a ONU — para outro — a União Européia.

Para Ivo Daalder, ex-diretor para Assuntos Europeus no Conselho Nacional de Segurança (1995-1999) dos EUA e analista de segurança do Instituto Brookings, "haverá poucas, se alguma, consequências no curto prazo com a declaração". "O sta-

voitaram ontem a condenar o projeto independentista de Thaci, derivado de um plano elaborado no ano passado por uma missão da ONU chefiada pelo finlandês Martti Ahtisaari.

Os três países argumentam que a independência de Kosovo contraria a resolução 1244, do Conselho de Segurança, que em 1999 insistiu sobre a "integridade territorial da República Federal da Iugoslávia", da qual a Sérvia, cuja capital é a mesma da ex-Iugoslávia, Belgrado, se considera como a direta descendente. A questão, no entanto, é controversa.

Os Estados Unidos se preparam para reconhecer o novo país, reiterou ontem o porta-voz do Departamento de Estado, Sean McCormack.

O mesmo acontece com a



Kosovares levam bandeiras da Albânia e dos EUA em Pristina

maioria dos governos da União Européia. Na França, o presidente Nicolas Sarkozy disse ontem a crianças do ensino elementar que elas precisariam se acostumar com um novo país no mapa da Europa.

Dos 27 países da UE, apenas Chipre, Romênia, Eslováquia, Espanha e Grécia assumem uma posição mais prudente.

Mas o governo espanhol, que teme o precedente kosovar para independentistas bascos e catalães, apressou-se ontem a se dissociar de Moscou.

A Chancelaria espanhola convocou o embaixador russo, Alexander Kuznetsov, e expressou "surpresa" por declaração do presidente Vladimir Putin, que traçou um paralelo de cata-

que poderá reconhecer a independência das regiões da Abkházia, da Ossétia do Sul e da Transdniestra. Os dois primeiros territórios tentaram se separar da Geórgia no início dos anos 90, e o terceiro anunciou na mesma época sua separação da Moldova. Nos três, a população é majoritariamente russa.

A Rússia teme que Kosovo se torne um precedente para a Tchetchênia. O território permanece agregado com o apoio dos Estados Unidos, que adotou a tese de Moscou de que os independentistas tchetchenos são, indistintamente, "terroristas". Mas o governo George W. Bush está chegando ao fim, e é possível que Washington tempere um pouco essa tese.

Com agências internacionais

Conseqüências a longo prazo dividem analistas

ANDREA MURTA
DA REDAÇÃO

Neste momento, um reconhecimento da independência de Kosovo passaria por cima das objeções sérvias e russas, ocorreria na ausência de um acordo entre albaneses e Belgrado e sem modificar a resolução 1244 do Conselho de Segurança da ONU, de 1999, que reafirma a soberania da Sérvia enquanto garante uma "autonomia substancial" a Kosovo.

Apesar disso, grande parte dos especialistas ouvidos pela **Folha** aposta em uma transição em geral pacífica para a independência supervisionada, dentro e fora da Província.

Ivo Daalder, ex-diretor para Assuntos Europeus no Conselho Nacional de Segurança (1995-1999) dos EUA e analista de segurança internacional do Instituto Brookings, afirma que "a Sérvia vai objetar verbalmente, mas não fará mais nada. E a Rússia não consegue oferecer uma ameaça real, apesar da oratória inflamada".

Daalder discorda dos muitos analistas que vêem riscos específicos para a desestabilização dos Balcãs. "A região já está desestabilizada há 15 anos, em grande parte porque as ações sérvias de 1992-1999 tornaram

impossível para minorias étnicas viverem em paz na ex-Iugoslávia", disse à **Folha**.

Mais preocupado se mostrou Charles Kupchan, diretor de estudos europeus no think-tank Council of Foreign Relations. Ele diz que "o problema poderia se espalhar para a Bósnia-Herzegovina", apesar de rechaçar o risco de uma separação. "Há ainda temores de agitações na Macedônia, devido à grande população albanesa na parte oeste do país. Mas creio que a independência de Kosovo é positiva para esse vizinho, pois neutraliza movimentos extremistas albaneses que estimulam problemas."

Mas Kupchan não vê grande

chance de a independência da Província encorajar separatistas em outras partes do globo a seguir o exemplo. "Argumentam que, se Kosovo se tornar independente, todo grupo separatista vai se levantar e dizer: 'E quanto a nós?'" Mas não acho que isso vai acontecer. Conflitos desse tipo possuem seus próprios determinantes."

A questão russa

A exceção seria, para o analista, o Cáucaso. "A Rússia já enviou sinais de que responderia encorajando as regiões da Abkházia e da Ossétia do Sul a formalizar sua separação da Geórgia, e isso poderá criar tensões muito perigosas entre es-

ses dois países."

Sabine Freizer, diretora do programa europeu do International Crisis Group, é otimista. "A declaração de independência não deverá afetar outras regiões, e Kosovo não deverá estabelecer precedentes em outros contextos. É um caso específico", afirma.

Mas não há consenso. No artigo "Luz de Alerta em Kosovo", Peter Rodman, do Instituto Brookings, John Bolton, ex-embaixador dos EUA na ONU, e Lawrence Eagleburger, ex-secretário de Estado americano, fizeram recentemente um apelo à Casa Branca para rever seu apoio à independência de Kosovo, que "lançaria um precedente de conseqüências imprevisíveis para muitas regiões do mundo".

O artigo foi publicado no jornal "Washington Times" no final de janeiro. "Claro que todo conflito tem características únicas. Mas minorias étnicas em outros países já estão sinalizando sua intenção de usar Kosovo como exemplo", afirmam. "Seria pouco sábio desqualificar a prontidão da Rússia e sua habilidade de ajudar a Sérvia. Em um tema de pouca importância para os EUA, será que é útil desperdiçar capital político com o Kremlin?"

1989 Milosevic reduz autonomia kosovar

1990 Albaneses de Kosovo declaram independência e Belgrado dissolve o governo autônomo

1992 Ibrahim Rugova é eleito presidente da autoproclamada República de Kosovo

1998 Começam os confrontos entre a polícia sérvia e os separatistas do Exército de Libertação de Kosovo (ELK)

1999 Milosevic é acusado de limpeza étnica na Província e Otan ataca a Iugoslávia. Dois meses depois, um acordo leva à retirada de tropas sérvias de Kosovo, que passa ao controle da Otan e da ONU, mas continua sob soberania sérvia, segundo resolução da ONU

2004 A Liga Democrática de Rugova, pró-independência, vence pleito boicotado pela minoria sérvia; Ramush Haradinaj é eleito primeiro-ministro da Província

2005 Haradinaj é indiciado por crimes de guerra pelo Tribunal da ONU para a ex-Iugoslávia, no qual Milosevic também é processado

2006 Começam negociações mediadas pela ONU sobre status definitivo de Kosovo. Referendo na Sérvia declara a Província parte inalienável do país; kosovares albaneses boicotam votação

2007 Em fevereiro, o enviado da ONU Martti Ahtisaari divulga plano de independência sob supervisão da União Européia. A Sérvia rejeita. Em novembro, novas eleições legislativas dão a **Hasim Thaci**, ex-comandante do ELK, o posto de premiê



Foto: Xxxxxxxx

tus quo não será alterado, só o status legal."

Até a missão da ONU em Kosovo (Unmik) afirma não ter começado a alterar seu funcionamento por enquanto. "A União Européia ainda não enviou nenhuma missão para cá, e qualquer decisão desse tipo terá de ser coordenada com a ONU. Nós aqui em Kosovo não recebemos nenhuma instrução específica da nossa sede em Nova York", afirmou o porta-voz da Unmik, Alexander Ivanko, à **Folha** na última quinta-feira.

"A longo prazo, claro que esperamos receber orientações sobre como nos relacionaríamos com uma missão européia. Mas, por enquanto, estamos 100% operacionais, não houve diminuição ou suspensão de nenhuma ação. Nosso mandato não mudou", diz Ivanko.

Patrulhamento

O porta-voz admite, porém, que há um plano de contingência a ser adotado nos próximos dias para garantir que não haverá atos de violência.

"A polícia tem um plano operacional elaborado, com um aumento do patrulhamento, mas não temos a expectativa de nenhum problema. No máximo, algumas ruas poderão ser fechadas."

Ele afirma também que não há intenção de aumentar o contingente de segurança na região, hoje formado por 16 mil soldados da Otan, 8.000 policiais kosovares e 2.000 membros da polícia internacional da Unmik.

Ainda que a transição seja pacífica, o status legal da Província permanecerá confuso, já que a ausência de uma resolução da ONU sobrepõe o mandato da organização à missão administrativa da UE. A expectativa é que a Unmik fechará seus escritórios após um período de transição.

(AM)